ROMEU CORREIA

CASACO DE FOGO

COMÉDIA

★

ORION

ROMEU CORREIA

UFLOR01578

CASACO DE FOGO

COMÉDIA EM 3 ACTOS

★

ORION

EDITORIAL-DISTRIBUIDORA

AV. DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA, 129, 2.º-DT.

ALGÉS-LISBOA

Esta comédia foi representada pela primeira vez em 16 de Dezembro de 1953, no Teatro Nacional de D. Maria II, pela Empresa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, com a seguinte distribuição:

Belmira	Carmen Dolores
Velho	Luís Filipe
Marta	Aura Abranches
Parvo	Augusto Figueiredo
Arnaldo	Jacinto Ramos
Mãe	Luz Veloso
Arquitecto	Alvaro Benamor
Carlinhos	Pedro Lemos
Colombina	Lourdes Norberto
Madeira	Costa Ferreira
Esposa infeliz	Maria Corte Real
Rosa	Laura Fernandes
Jaime	Gabriel Pais
Gonçalves	António Palma

LISBOA — ACTUALIDADE

Montagem de JOSÉ JORGE

Luzes de ANTÓNIO MADEIRA

Ponto: SOARES BORBA

Encenação de PEDRO LEMOS

PRIMEIRO ACTO

(1.º QUADRO)

Pequena oficina de alfaiate, instalada numa humilde moradia em Alfama. Um manequim, mesa de corte e vários utensílios do ofício. Janela e duas portas. Ao cair da tarde.

CENA 1.ª

BELMIRA E CARLINHOS

BELMIRA *(executa uma prova)*: — Vou ver o que posso fazer... Mas não lhe garanto. (*indica a mesa de corte*) Tenho ali muita obra entre mãos...

CARLINHOS (*hesitante, com um braço despido e outro por despir*): — Eu preciso de saber isso ao certo! Não quero ficar neste jogo de incertezas, menina Belmira!

BELMIRA: — Para amanhã, não lhe garanto! *(noutro tom)*: O que se pode fazer é vossemecê estreá-lo assim como está e depois pô-lo cá outra vez, para se arranjar com vagar.

CARLINHOS *(a irritar-se)*: — E eu ía com os braços tolhidos para o palco do "Radiofónico"?! Era o que faltava! Nesse caso, vou daqui a um alfaiate e entrego-lhe o casaco para emendar! *(faz menção de despir o casaco.)*

BELMIRA: — Mas que emenda?! Não há emenda nenhuma a fazer! Vossemecê é que está com exigências tolas!

CARLINHOS: — Cada um procura as suas conveniências! É assim que lá na loja a freguesia me seringa todo o santo dia, na lida do balcão! A menina Belmira dessa forma não vai longe! Quem não tem paciência fecha a loja! E eu que subi a sua escada julgando que me ficaria agradecida... Afinal foi para me dar com tudo na cara!...

BELMIRA *(fora de si)*: — Sr. Carlos, isto está a sair das marcas! Uma coisa é uma pessoa fazer um trabalho e outra é estar a ser regalo de tolos!

CARLINHOS *(ao rubro, mulherengo, em bicos dos pés)*: — Regalo de tolos?! Menina Belmira, olhe que o respeito, assim como se ganha, também se perde! *(puxa a carteira e tira notas, trémulo)*: Quanto devo? Diga quanto devo? Eu já não a vejo bem!...

BELMIRA (*furiosa, arranca-lhe o trabalho das mãos*): — Largue isso! Você julga que o deixava andar aí pelas ruas a difamar o meu trabalho!? Você daqui não leva o casaco e há-de ficar pronto quando eu muito bem entender!

CARLINHOS *(acobardado)*: — Menina Belmira, mas isso é um abuso. Não pode dispor duma coisa que é minha!

BELMIRA: — Sua?! O trabalho é meu!

CARLINHOS: — Mas o casaco? E a fazenda?

BELMIRA: — Não está ao seu gosto, pois não? Quer os braços mais cavados, não é verdade? Portanto a obra continua na oficina!

CARLINHOS: — Mas amanhã às 9 da noite, sem falta, tenho de estar no "Radiofónico"!

BELMIRA (*indiferente*): — Arranje-se como puder! Volte cá amanhã ou mande alguém à procura do casaco! *(atira com o trabalho para cima da mesa)*: Pronto, assim é que se ensinam os malcriados! *(pausa)*

CARLINHOS *(às boas)*: — Menina Belmira, um de nós foi longe de mais. Estas coisas não podem ser tomadas assim tão a peito. Nem a menina no seu ofício é uma sucateira, nem eu seria pessoa para andar aí a difamá-la... *(Belmira recomeça a engomar, alheia às desculpas.)* Mas faça um esforçozinho e veja bem o meu caso... É a minha grande oportunidade, menina Belmira! Há meses que faço os meus

ensaios com a D. Eulália, ao piano, na "Sociedade da Travessa". Nada mais natural do que eu, desta vez, entrar no profissionalismo. A noite de amanhã no "Radiofónico" é tudo para mim! (*mais junto dela*): Dê um geitinho, menina Belmira!

BELMIRA (*com enfado*): — Bem, eu faço serão esta noite. Amanhã, quando sair da loja, passe por cá.

CARLINHOS (*alegrando-se*): — Obrigadinho! obrigadinho! Nunca se arrependa de praticar o bem! (*intencional*): De resto, somos uns para os outros... Eu não lhe queria dizer, mas digo-lhe: quando lhe levantaram aquele falso testemunho com o traste do Arnaldo, a menina teve-me sempre a seu lado. Desde a primeira hora! Eu próprio procurei-o numa noite e pespeguei-lhe com esta na cara: "Ouve lá, ó meu burgesso, que sentimentos de homem são os teus para andares a fazer panelinha contra uma pobre mulher que teve o fraco de gostar de ti?" (*noutro tom*): E cheguei-lhe mais, muito mais! (*orgulhoso do seu carácter*): Eu, ficar-me? Desde a primeira hora, a menina teve-me sempre a seu lado, não me poupei durante esses dias. (*noutro tom*): Aquele Arnaldo nunca me cheirou a boa peça! Parece que estou a vê-lo à porta da barbearia do Pinto... Mas veio cá para o sítio e caíu logo na simpatia de todos! Aqui, no bairro, os de fora são sempre

mais acarinhados que os filhos de Alfama. Deixe-o lá, Belmirinha! Que o dinheiro da esposa... — eu nunca a vi, mas dizem que é feia que nem um bode! — sirva-lhe de bom proveito! Casou com o dinheiro da velha, mas pode ainda morrer de fome... E para mais, ele, que é um batoteiro dos diabos!...

(*Ouve-se o praguejar da "Mãe" que sobe a escada.*)

MÃE (*fora*): — Só a mim é que me acontece uma destas!

BELMIRA: — Que terá acontecido?

CENA 2.ª
OS MESMOS E MÃE

MÃE (*entra afogueada, saco dos jornais vasio, enrolado sob o braço*): — Tu sabes o que o traste do teu irmão nos fez?! Espatifou todo o dinheiro da venda! Todos os duzentos mil réis que lhe entreguei esta tarde!

BELMIRA: — Ó mãe, como foi isso?

MÃE: — E eu, à esquina, até agora, à espera que ele aparecesse! Malandro!

BELMIRA: — Perdeu-os?

MÃE: — Gastou-os! Gastou-os na jogatina! Punha as minhas mãos no lume! Gastou-os, Belmira, ia jurá-lo!

BELMIRA: — E ele? Onde está ele?

MÃE: — Sei lá! (*num grito*): Nem o quero

ver! É para isto que tu trabalhas... e eu... Aquele rapaz há-de ser a nossa desgraça!

CARLINHOS: — Mas que coisa... Logo perder o dinheiro... E ele não calcula em que sítio o perdeu?

MÃE: — Ele não o perdeu, sr. Carlos! Ia jurá-lo! Aquilo foi o maldito vício que tem no sangue... Jogou-o... (*revoltada*): Para isto não olha a polícia! Era uma rusga bem feita! Juro que não ia buscá-lo à esquadra!

BELMIRA: — Oh, mãe, não diga isso!

MÃE: — Malandro! Se o teu pai viesse agora a este mundo... (*comovida*): Mas onde está está bem... Ao menos, assim, livra-se de vergonhas!

CARLINHOS: — Coisas que sucedem! Ai, não há ninguém perfeito neste mundo! (*a retirar-se*): Bem, menina Belmira, fica então combinado, não é verdade? Amanhã eu dou cá uma saltada, de manhã...

BELMIRA: — Eu faço serão esta noite...

CARLINHOS: — Vou indo. (*à mãe*): Eu se topar o Jaime lá por fora, falo-lhe ao coração... Vou dar um giro a ver se o encontro. (*sai*)

CENA 3.ª
BELMIRA E MÃE

MÃE: — E nós que fazemos tantos sacrifí-

cios... Logo nesta altura! Já não pode uma mãe confiar dinheiro a um filho!

BELMIRA: — Mas a mãe já o viu? Já lhe falou? (*A mãe olha-a, admirada*) Então como é que sabe que ele gastou o dinheiro?

MÃE: — Tenho uma coisa cá dentro a dizer-me que o foi gastar na jogatina! E a prova está em que tem medo de voltar para casa!

BELMIRA: — Ele não volta porque adivinha que vossemecê lhe bate!

MÃE: — Eu estranhei a demora... Passou o Tomé... O Inácio... O Zé Maloio... e ele nada de surdir!... E se não fosse tirar-me dos meus cuidados...

BELMIRA: — Mas quem a avisou?

MÃE: — Os jornais da tarde trazem um anúncio! Dizem que um rapaz da venda perdeu 200 escudos e pedem a quem os achou que os venha entregar aqui a casa. Trazem até a nossa morada e tudo... (*num repente*): Ah, mas tudo isto é para o inglês ver! Ele julga que me escapa com esta do anúncio, mas engana-se!... Hoje leva-me tamanha tareia! Piso-o a pés, Belmira!

BELMIRA: — A mãe não pode afiançar uma coisa que não sabe! O Jaime podia ter perdido o dinheiro. Ele que pôs o anúncio nos jornais...

CARLINHOS: — (*fora, na rua*): Ó tia Cremilda! Tia Cremilda!

MÃE (*indo à janela*): — Que é, sr. Carlos?

CARLINHOS (*idém*) — O seu Jaime está na escada do Conceição... Está ele e estão outros cá do sitío... (*Gesto reprovativo de Belmira.*)

MÃE: — Muito obrigada, sr Carlos! Eu vou já lá! Muito obrigada! (*retira-se da janela*)

BELMIRA (*inquieta*): — É melhor vossemecê não sair por enquanto! Veja o que vai fazer!

MÃE: — Larga-me! Eu sei bem o que vou fazer! Era o que faltava: tu opôres-te à minha saída! Por causa dos teus cuidados é que ele se pôs um traste! Sim, tens sido a grande culpada, bem sabes!

BELMIRA: — Vossemecê quando se lhe mete uma ideia na cabeça...

MÃE (*a sair*): — Sei muito bem o que digo! Faz o que tens a fazer e deixa-te de sentenças... (*sai*)

CENA 4.ª

BELMIRA (*só, hesitante*): — Por minha vontade... (*corre à janela e fala para a rua*): Ó Genoveva, vens da travessa? Viste o meu irmão na escada do Conceição? É que a minha mãe foi para lá à cata dele!

CENA 5.ª
BELMIRA E MARTA

MARTA *(surge na porta da escada. Traz um casaco de mulher, todo vermelho, suspenso das mãos. É uma velha de aspecto duvidoso)*: — Belmira! Belmirinha!

BELMIRA (*num susto*): — Ah! É a D. Marta!

MARTA (*cuidadosa*): — Estás só?

BELMIRA: — A minha mãe foi ali abaixo...

MARTA: — Trago-te um recado!

BELMIRA (*com repulsa*): — Não fale mais nisso! Eu no outro dia não estava em mim... mas pensei melhor! Não volte mais, D. Marta!

MARTA (*irónica*): — Tens melhor futuro em vista?

BELMIRA: — Nem melhor nem pior, mas não quero o que me oferece!

MARTA (*exibindo o casaco*): — Já reparaste nisto? É bonito, não é? E bom. Apalpa, experimenta...

BELMIRA (*verificando o tecido*): — É bonito, é...

MARTA: — Comprei-o esta manhã a uma actriz de teatro. E vendo-o quase pelo mesmo preço. Queres fazer negócio?

BELMIRA: — Como esta rapariga anda tão afortunada!

MARTA: — Aproveita...

BELMIRA: — Ó senhora, não fale nisso! Se soubesse o que vai cá por casa!...

MARTA: — Pagas quando puderes... Faço-te a coisa em quatro prestações... Dás oitenta todos os meses...

BELMIRA: — Deus me livre (*restituindo o casaco*): Pegue! Pegue! A minha mãe largava-me o fogo!

MARTA: — Cada vez percebo menos a tua vida! Trabalhas de dia e de noite e... nem ganhas para te vestires!

BELMIRA: — (*indo para a mesa de corte*): É a vida...

MARTA: — A vida! Mas a vida de vocês é filha de inacção em que se põem!... Eu é que devia ter a tua idade... e o teu corpo!

BELMIRA: — Que quer vossemecê que eu faça? Que vá roubar? Quando a gente trabalha para uma loja, não passamos da cepa torta... Mas se ficamos em casa, precisamos de ganhar poucochinho, de entrada, para conseguirmos freguesia...

MARTA: — E não há p'r'aí tanto lugar bom, onde uma rapariga nova e com a tua figura possa fazer vida? Vocês metem-se sempre num maldito ofício, sofrem todos os azares, e d'aí não arrancam! Costureira de alfaiate... (*noutro tom*): Há que tempo coses?

BELMIRA: — Desde os doze... Tenho vinte e três...

MARTA:—E quantas lojas já correste?

BELMIRA:—Umas quatro... Mas foi no «Figurino da Moda» que estive mais tempo...

MARTA:—Por que não mudaste de ofício?

BELMIRA:—E ia para aonde? Eu só sei coser...

MARTA:—Essa é boa! Para o balcão duma perfumaria! Para um consultório médico! Tens figura! És bonita... Não faltam por aí lugares para uma rapariga vistosa!

BELMIRA:—Vossemecê, fala bem!

MARTA:—Ó filha, eu conheço isto como as minhas mãos!... Vocês pegam-se a um modo de vida... (*intencional, põe o casaco no corpo do manequim.*)

BELMIRA:—Está a pôr isso aí, para quê? É para me convencer a ficar com ele?

MARTA (*com triunfal regosijo*):—É teu...

BELMIRA:—Meu?! Como, meu!?

MARTA:—Ora que pergunta!... É uma prenda que tu recebes...

BELMIRA (*graceja*):—Esta rapariga é um poço de sorte!. . (*noutro tom*): Não esteja a brincar comigo!...

MARTA:—Estou a sério. Muito a sério. (*directa*): Foi ele quem o comprou para ti, Belmira!

BELMIRA (*inquieta*):—Tire isso d'aí! A minha mãe está a voltar! (*com revolta*): Não lhe disse já o que tinha a dizer!? Está a perder o seu tempo!